



A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão The 2014 Soccer World Cup and (new) Mineirão Stadium

Priscila Augusta Ferreira Campos*
Silvia Cristina Franco Amaral**

Resumo

Esse artigo objetiva analisar o conceito ‘novo’ que adjetiva o Estádio Governador Magalhães Pinto, Belo Horizonte/MG. Far-se-á uma análise entre os discursos e documentos de sua construção, em 1965, e de sua reforma para a Copa em 2014. Há permanências (necessidade de ser moderno, passar uma autoimagem positiva do País) e mudanças (diferenciação do conhecimento técnico-científico-informacional, transformação dos estádios, apropriação do espaço público pelo setor privado) nesse processo.

Palavras-chave: futebol, Copa do Mundo, estádio, Belo Horizonte, cidade, lazer

Abstract

The purpose of this article is to analyze the concept of “new” used to describe Governador Magalhães Pinto Stadium, in Belo Horizonte, state of Minas Gerais (MG). An analysis will be performed of the speeches and the documents concerning its construction in 1965, and its renovation for the Cup in 2014. There are permanence’s (need to be modern, to impart a positive self-image of the country), and changes (differentiation of technical-scientific-informational knowledge, transformation of the stadia, appropriation of the public space by the private sector) in this process.

Keywords: football, FIFA World Cup, Stadium, Belo Horizonte, city, leisure

* Doutoranda da linha de pesquisa Educação Física e Sociedade do programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação Física, da UNICAMP. Email: priafcb@ yahoo.com.br

** Docente da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas e Lazer. Email: scfa@fef.unicamp.br

Endereço postal: Grupo de Estudos em Políticas Públicas de Lazer – Faculdade de Educação Física - Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Avenida Érico Veríssimo, 701, Cidade Universitária Zeferino Vaz, Barão Geraldo, CEP 13083-851, Campinas, SP.

Desde sua inauguração, o Estádio “Governador Magalhães Pinto”, popularmente conhecido como “Mineirão”, localizado na cidade de Belo Horizonte/MG, tem sido palco de importantes decisões futebolísticas, tanto em âmbito nacional quanto internacional. Além de ser uma importante praça de eventos e equipamento de lazer para o município.

Em 2010, quarenta e cinco anos após a sua inauguração, uma grande reforma iniciou-se no estádio. O motivo: Belo Horizonte ter sido escolhida como uma das cidades-sede para a Copa do Mundo de Futebol, a ser realizada em nosso país em 2014.

A cerimônia que apresentou o Brasil como país-sede da Copa de 2014, ocorreu em 2007, na cidade de Zurique, na Suíça. Interesses pessoais e políticos fizeram parte da candidatura do Brasil.

Em linhas gerais, o país estava vivendo um período de neo-desenvolvimentismo, “pautado na manutenção da estabilidade e ação distributiva do Estado, este último, um Estado mais forte, induzindo o crescimento e coordenando os investimentos no país a partir de estratégias de planejamento de longo prazo” (MASCARENHAS, 2012, p. 46), através do fortalecimento de empresas nacionais, da criação do Programa de Aceleração do Crescimento e da recuperação da capacidade do Estado de prover políticas e programas sociais de inclusão e redução da pobreza.

Assim, sediar um evento de tamanhas proporções possibilitaria ao país a difusão de uma imagem positiva, atraindo investimentos, nacionais e internacionais, dentro de uma economia global.

Além disso, para a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*) a realização da copa no Brasil seria algo viável, uma vez que o país tem o futebol como um dos símbolos identitários e possui, internacionalmente, a reputação de ser belo, festivo e acolhedor (DAMO, 2012).

Sendo assim, na cerimônia em Zurique, o presidente da FIFA, Joseph Blatter, fez o seguinte anúncio: "O Comitê executivo da FIFA decidiu dar a responsabilidade, não só o direito, mas a responsabilidade de organizar a copa mundial da FIFA de futebol 2014 ao país... Brasil"¹.

Essas palavras têm um forte apelo simbólico como pode ser visto em Damo:

¹ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=IFxgh1vOv4E>

O presidente da FIFA disse, claramente, algo um tanto diverso, a começar pelo fato de que "a FIFA decidiu"; que decidiu "dar a responsabilidade"; e insistiu que não era "só o direito, mas a responsabilidade"; e frisou, claramente, que não se tratava de sediar, apenas, mas de "organizar" a "copa mundial da FIFA" - note-se, no detalhe, que a copa é "da FIFA". O fato de ter dito isso com o indicador em riste, apontado na direção da plateia, onde estava o presidente Lula, dispensa comentários. (DAMO, 2012, p.31)

Em resposta, o então, presidente Lula, compreendendo a grandiosidade do momento, a responsabilidade assumida que implica em ganhos coletivos e perda apenas ao Brasil, deu a seguinte resposta:

Quero tranquilizar os dirigentes da FIFA. [...] No fundo, no fundo, estamos assumindo uma responsabilidade enquanto nação, enquanto Estado brasileiro, para provar ao mundo que temos uma economia crescente e estável, com uma estabilidade [política] conquistada. Somos um país com muitos problemas, mas somos um país de homens determinados a resolvermos estes problemas².

Percebe-se que houve uma referência a capacidade organizadora do povo brasileiro e o bom momento econômico e político que o Brasil estava vivendo, afinal todos os brasileiros e brasileiras a partir daquele momento, estariam sendo avaliados no que diz respeito à capacidade de planejamento e de execução, à captação de investimento; ao cumprimento de prazos, além da segurança, do compromisso com o meio ambiente, do controle da violência urbana e nos estádios de futebol; do uso das tecnologias; da ocupação do espaço; da capacidade de gerir o tráfego urbano e aéreo; entre outros.

Dentro desse contexto, foi traçado um plano de ação, com base nos preceitos da FIFA, para que a copa seja por aqui realizada. Obras de mobilidade urbana, infraestrutura, reforma e construção de estádios, entre outras medidas, foram planejadas e vem sendo implementadas. Se na Copa de 1950 não há registro desse plano de ação, para a de 2014 há uma série de normativas a serem cumpridas, o que faz com que esse evento tome outras proporções.

Uma das exigências da FIFA refere-se aos estádios. A entidade sugere que eles cumpram uma série de quesitos no que se refere ao uso, segurança, comunicação, sustentabilidade etc.

Em relação ao uso, a entidade sugere estádios multifuncionais, “projetados de forma que abriguem outros eventos esportivos e de entretenimento, melhorando assim a sua utilização e viabilidade financeira” (FIFA, 2011, p.43). Sugere, então, que esse

² Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=oHDpugDHF7M&feature=relmfu>

espaço seja ocupado por “eventos de entretenimento, incluindo concertos, festivais, peças teatrais e feiras de negócios e de consumo” (idem, p. 44).

Frente ao exposto, esse artigo tem por objetivo discutir o conceito de ‘novo’ que adjetiva a reforma do Estádio “Governador Magalhães Pinto” – Mineirão, localizado em Belo Horizonte/MG. Para isso, será feito um paralelo com os discursos e documentos elaborados para a sua construção e com os discursos e documentos elaborados para a Copa do Mundo de 2014 que culminou em sua reforma e adjetivação.

Mineirão de ontem

Quando o Mineirão foi inaugurado em 1965, Belo Horizonte já possuía um estádio de futebol de grandes proporções para a época. O Estádio Independência havia sido construído para os jogos da Copa do Mundo de Futebol de 1950, na qual Belo Horizonte foi uma das cidades-sede. Em termos econômicos e político era um momento promissor para o Brasil, já que estava passando por um progressivo nacional desenvolvimentismo com o governo Vargas (SANTOS, 2005a; DUARTE, 2009) que tinha como proposta a integração do território através da interligação das estradas de ferro e da construção de estradas de rodagem; investimentos em infraestrutura; industrialização; substituição das importações e aumento do consumo, o que gerou a urbanização do território (SANTOS, 2005a). Assim, receber em seu território a Copa do Mundo ajudaria a projetar no exterior todo um modelo de país desenvolvido, brilhante, criativo, promissor e unido territorialmente.

Para atingir esse objetivo, o País precisava demonstrar seu ar empreendedor através da existência de grandes estádios e também do êxito financeiro, técnico e disciplinar ao término do evento, além disso, a torcida não deveria comprometer o ar de civilidade que se desejaria transmitir (idem).

Na época, Belo Horizonte foi escolhida como cidade-sede. A capital mineira carregava como diferencial em relação às outras cidades o fato de ter sido planejada. Seu projeto urbanístico, datado de 1897, seu traçado cartográfico e suas alamedas buscavam romper com o passado colonial (SANTOS, 2005a; DUARTE, 2009).

Além disso, na década de 1940, a cidade passava por um crescimento urbano e econômico, rompendo com os limites da Avenida do Contorno. Em 1943, foi inaugurada a Pampulha como polo turístico, cultural e esportivo da cidade e que substituía o traçado em linhas retas por um traçado em curvas, mais arrojado e moderno

que prometia uma maior integração das formas, além de inserir o concreto armado como material da construção civil.

A Pampulha constituía-se em uma utopia urbana modernista, na qual as curvas e a leveza esboçadas nos projetos de Oscar Niemayer para a área prometiam romper radicalmente com a paisagem quadriculada predominante na região central e contida pela Avenida do Contorno. Nas palavras do arquiteto, desejava-se uma arquitetura guiada pela imaginação, não pelo esquadro (...). A abertura de avenidas de acesso garantia que os automóveis compusessem a paisagem charmosa e acolhedora dos novos hábitos sociais urbanos, moldada por muitas das mais caras e elegantes mansões da cidade (DUARTE, 2009, p.33).

Até então, a Pampulha era considerada uma região rural em detrimento do centro urbano. Pensada durante o mandato do prefeito Aarão Reis e concluída por Juscelino Kubitschek, em 1944, a Pampulha foi construída em um vazio urbano. Isso demandou um conjunto de obras rodoviárias para que pudesse haver uma fluidez no território, gerando um espraiamento e crescimento da cidade, além disso, foi possível construir o Aeroporto da Pampulha, o que dinamizaria o transporte para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. De acordo com Santos (2005, p.106), “o funcionamento da sociedade urbana transforma seletivamente os lugares, afeiçoando-os às suas exigências funcionais”, com isso, diversas parcelas da cidade ganham e perdem valor ao longo do tempo, acoplados com o sistema socioeconômico e o modelo ideológico sobre desenvolvimento e modernidade.

Nesse contexto, a Copa de 1950 deveria servir para divulgar a cidade e projetá-la internacionalmente. Entretanto, faltava um grande estádio em que os jogos pudessem ser realizados. Dessa lacuna, foi concretizado o Estádio Independência, pensado para 45.000 pessoas e cuja inauguração se deu com o primeiro jogo da Copa em Belo Horizonte. O estádio recebeu três jogos: Iugoslávia x Suíça; Inglaterra x Estados Unidos e Uruguai x Bolívia (SANTOS, 2005a), respectivamente.

A derrota da Inglaterra para os Estados Unidos em solos belorizontinos fez com que a visibilidade da capital mineira aumentasse, afinal todos os noticiários anunciavam a “zebra” do torneio.

Quatro anos depois da inauguração do Independência, começou-se a ventilar a necessidade de construir outro estádio em Belo Horizonte, com maiores proporções. O raciocínio era simples: um estádio maior atrairia e comportaria mais público, a renda aumentaria e, com isso, diminuiria o êxodo de jogadores para o Rio de Janeiro e São

Paulo (SANTOS, 2005b). Além disso, ter um grande estádio aumentaria a autoestima dos mineiros.

O meio esportivo de Minas Gerais se sentia injustiçado por não poder equiparar-se aos paulistas e cariocas – que, além do esporte, comandavam as questões político-econômicas do país –, sendo que o principal motivo alegado era a falta de um estádio como o Maracanã, no Rio de Janeiro, ou o Pacaembu, e depois o Morumbi, em São Paulo (SANTOS, 2005b).

Em 1959, foi iniciado o projeto para a construção do Estádio Minas Gerais que foi inaugurado em 1965, sendo o segundo maior estádio de futebol coberto do mundo³. Sua construção se deu na Pampulha, através de um convênio firmado entre o Ministério da Educação e Cultura, a Universidade de Minas Gerais⁴, o Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais e a Diretoria de Esportes do Estado de Minas Gerais, já que a Universidade de Minas Gerais cedeu uma parte de seu terreno para a viabilização da obra do estádio e, em contrapartida, os seus alunos poderiam utilizar, além das instalações do estádio, o centro esportivo que seria construído concomitante à praça de esportes (SANTOS, 2005b).

O “Gigante da Pampulha”, com capacidade para 130.000 pessoas, apresentava como diferenciais em relação ao Independência uma melhor capacidade de evacuação da área, mais bebedouros e sanitários e uma arquibancada coberta (SANTOS, 2005b). Foi considerado um grandioso empreendimento, de grande imponência e beleza arquitetônica e chamou a atenção para a capacidade empreendedora do povo mineiro.

O Estádio Minas Gerais é uma síntese da capacidade realizadora do nosso povo. Não se sabe o que mais admirar: se a eficiência dos engenheiros, arquitetos, mestres de obras, operários encarregados da execução da obra; se a precisão dos calculistas das estruturas; se a beleza e a funcionalidade do projeto arquitetônico. É, enfim, uma grande obra, que contribuirá decisivamente para o engrandecimento de nosso esporte e que honra e enaltece a nossa engenharia (SANTOS, 2005b).

Além disso, foi comparado ao Maracanã (construído para a Copa de 1950, era considerado o mais moderno da época). A segurança, o conforto, o bom gramado, a iluminação e o sombreamento do Mineirão o colocavam em lugar de destaque. As qualidades de segurança e conforto fizeram com que o público feminino fosse atraído para frequentar o estádio mineiro.

Percebe-se que, para além da sua função futebolística, o estádio cumpria uma especificidade simbólica e representava o que de mais moderno poderia existir na

³ O maior estádio de futebol coberto do mundo é o Maracanã.

⁴ Desde 1965, chamada de Universidade Federal de Minas Gerais.

cidade. O conhecimento técnico-científico-informacional foi um dos responsáveis por essa transformação da paisagem. Isto é, a união entre ciência, técnica e informação fez com que a cidade tomasse outra dinâmica, uma vez que um objeto foi nela incorporado. Esse objeto, dentro desse espaço foi apropriado por sua população, tornando-se um lugar. De acordo com Santos (1996, p. 48), “é o lugar que atribui às técnicas o princípio de realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica”. Sem isso, seriam apenas objetos.

Nesse contexto, ser moderno representava ter um grande estádio, capaz de abrigar um número elevado de pessoas (mesmo sabendo que, nem em todos os jogos, essa capacidade máxima seria atingida) o que possibilitaria se firmar no circuito nacional do futebol, concorrendo diretamente com Rio e São Paulo que, como foi visto, eram hegemônicos em termos políticos, econômicos e futebolísticos. Além disso, há uma grande valorização do conhecimento científico, enfatizado através do elogio à competência e à habilidade dos bacharéis em engenharia e arquitetura. Este fato nos permite identificar a noção de progresso e desenvolvimento presente aquele tempo, ao mesmo tempo, nos remete a divisão social do trabalho, uma vez que cita os que pensam a obra (engenheiros e arquitetos) e os que a executam (mestre de obras e encarregados). Somado a isso, o Mineirão tornou-se um monumento para a cidade de Belo Horizonte.

De acordo com Assumpção (2004), a construção do Mineirão se deu em um período em que no Brasil havia uma ideologia da “monumentalidade”. Para Le Goff (1990), a palavra monumento exprime a memória, aquilo que perpetua a recordação. Pode ser, também, uma obra comemorativa de arquitetura ou de escultura. Assim, o monumento é um sinal do passado que fica para a posteridade e que se configura como uma forma de poder.

Dessa forma, “o *monumento* tem como característica o ligar-se ao poder de perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva)” (LE GOFF, 1990, p.536).

As sociedades constroem espaços nos quais seus valores, seus momentos históricos, sua memória coletiva, seus rituais, possam se perpetuar. Por essa razão, levantam importantes edifícios, grandiosos monumentos, magníficas obras de arte talhadas na pedra e no mármore. Nesses espaços, as pessoas compartilharão memórias, experiências, lembranças comuns e projetarão sua vontade coletiva em direção ao futuro (ASSUMPÇÃO, 2004, p.148).

Para que esses novos valores fossem incorporados e que uma nova psicosfera fosse criada, a participação dos formadores de opinião e dos meios de comunicação de massa foi fundamental para fazer circular a informação. Nesse sentido, segundo Assumpção (2004), durante a construção do estádio, algumas ações foram realizadas, entre as quais, convidar o Presidente da Comissão Brasileira de Desportos, João Havelange, para visitar a obra; convidar jornalistas do Rio de Janeiro, São Paulo e outros estados para jantarem no Palácio da Liberdade, entre os quais João Lyra, João Saldanha e Armando Nogueira, para dar visibilidade nacional à obra; publicar matérias contínuas sobre o desenvolvimento da obra nos jornais mineiros.

Assim, a partir do advento Mineirão, uma nova forma de pensar e narrar o futebol mineiro emerge, concomitante a isso, hábitos e usos desse espaço foram sendo criadas. Afinal, não se pode desassociar o “espaço como instância social, [como] conjunto inseparável da materialidade e das ações do homem” (SANTOS, 2005, p.130).

Nesse contexto, o Mineirão, pensado por uma elite cultural-planejadora e erigido por trabalhadores braçais, pautava-se na ideia da monumentalidade e da grandiosidade (por abrigar uma capacidade elevada de pessoas), em um período em que o futebol mineiro necessitava se firmar perante o Brasil, especificamente Rio de Janeiro e São Paulo e, sobretudo, relacionava-se a um projeto de modernidade tecnocrática, de curvas substituindo as retas e expansão urbana.

O Mineirão de hoje

Atualmente, o Mineirão está passando por uma grande reforma que acarretará em sua grande transformação em termos arquitetônicos e funcionais, uma vez que a FIFA normatiza os estádios para o “seu” uso. Percebe-se que isso tem relação com o mercado internacional dos megaeventos esportivos e com a expertise internacional de conglomerados multinacionais especializados nestas inovações. São modelos de infraestrutura urbana exportados para todos os centros que pleiteiam sediar tais eventos, resultando em um “novo modelo de planejamento e gestão de cidades, calcado na lógica do mercado” (MASCARENHAS, 2008, p.195), e tratando as cidades como uma mercadoria que precisam possuir algum atrativo para receberem investimentos. Ao que tudo indica, os megaeventos vêm como possibilidade de legitimação de um planejamento urbano demandado pelos setores hegemônicos da sociedade (RAEDER, 2010).

Para cumprir tais determinações, o Estado de Minas Gerais em parceria com a Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, lançou o Planejamento Estratégico Integrado que tem por objetivo criar ferramentas de gestão que levem à utilização eficaz dos recursos necessários à implementação dos projetos necessários a realização da Copa em Belo Horizonte. São projetos de grande impacto na cidade, divididos em seis eixos temáticos: infraestrutura esportiva, mobilidade, turismo e rede hoteleira, comunicação e *marketing*, utilidade pública (segurança, saúde, energia, telecomunicação, ação social e meio ambiente) e requisitos da FIFA. Um dos projetos pertencentes ao eixo infraestrutura esportiva tem o título de “Modernização do Mineirão” e na descrição prevê “Modernização do Mineirão com vistas a adequações de infraestrutura para a Copa 2014, promovendo a sustentabilidade após o evento” (MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE, s.d.).

Como está inserido dentro do perímetro de tombamento delimitado pelo IPHAN para o Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha⁵, as obras de modernização do Mineirão mantiveram sua fachada, alterando toda a sua estrutura interna e externa.

Percebe-se, nesse sentido, uma ação sobre as formas e seu uso, uma vez que os objetos são dotados de conteúdo e finalidade. Santos (1977, p. 35) afirma que “através da ação sobre as formas, tanto novas como renovadas, o planejamento urbano constitui muitas vezes meramente uma fachada científica para operações capitalistas”, uma vez que as modificações do espaço em prol de uma modernização tende a atrair investimentos, especulações e traz uma agenda de transformações do espaço tecnificando-o e burocratizando-o.

Conhecido como o “Novo Mineirão”, o projeto prevê uma esplanada com 80 mil m²⁶; estacionamento com capacidade para 2,5 mil veículos; área para imprensa equipada com mesas; computadores e telefone; cobertura especial com sistema autolimpante; iluminação inteligente; acesso rápido por catracas eletrônicas; geração de energia por painéis fotovoltaicos; 64 mil lugares e 80 camarotes; aérea de 7 mil m² destinadas a atividade comercial. Para viabilizar o projeto, optou-se por um modelo de negócio que privilegia a modernização da infraestrutura, buscando o mais alto padrão internacional

⁵ Para maiores informações conferir: LIMA, Helena B.; MELHEM, Mônica M.; POPE, Zulmira C. (orgs.). Bens móveis e imóveis inscritos nos Livros do Tombo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: 1938-2009. 5. ed. rev. e atualizada. [Versão Preliminar] – Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2009. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=1356>>. Acesso em: jul. de 2012.

⁶ Embaixo da esplanada serão instalados o Museu Brasileiro do Futebol, restaurantes, lojas, acessos aos camarotes e estacionamento. Um espaço com potencial para transformar o Mineirão uma arena multiuso.

de operação do estádio, com conforto e segurança e principalmente inovando na visão comercial, ao tratar o torcedor como cliente (MINAS GERAIS, s.d.).

Verifica-se que a ideia de modernidade está presente nesse contexto. De acordo com Bell (1973, p.214) “‘novo’ é marca distintiva da modernidade, embora essa reivindicação, em muitos casos, não se refira tanto a um aspecto especificamente novo da experiência humana e sim a uma alteração na escala do fenômeno”. Assim, ir ao estádio, torcer para um clube de futebol, passear em seus arredores faz parte da cultura belorizontina, entretanto, o “novo” refere-se à conjuntura em que essa rotina será realizada, através de uma variedade de usos desse espaço, em um sincretismo de ações. Aliás, variedade e sincretismo são termos utilizados pela modernidade (BELL, 1973). Nesse contexto, a modernidade se constitui como um rompimento com o passado, na qual a tecnologia se apresenta como um dos principais fatores de mudança social.

Se nas décadas de 1950 e 1960, para a crônica esportiva e políticos mineiros, ser moderno era se comparar a Rio e São Paulo, na Copa de 2014 ser moderno é submeter-se aos preceitos e normatizações da FIFA, uma entidade com fins lucrativos e abrangência planetária, que é capaz de estabelecer critérios os quais os governos nacionais devem se adaptar. Além disso, através da venda da marca Copa do Mundo FIFA, essa entidade vislumbra mercados reais e potenciais para o seu produto, “influenciando, cooptando ou atropelando Estados nacionais, em suas organizações, diretrizes e intenções” (IANNI, 1998, p.29).

De acordo com Santos (1999), a técnica normativa é normatizada no seu uso e normativa para os agentes. Isto é, a partir do momento em que um agente político, econômico, social elabora um conjunto de especificações e determinações a serem cumpridas por alguém, tem-se uma normatização dos procedimentos, de modo que, independente do lugar, as mesmas normas precisam ser cumpridas pelos sujeitos/agentes que estão sob influência de tais normativas para serem reconhecidos em seus meios, como é o caso, por exemplo, dos estádios de futebol que receberão os jogos da Copa de 2014, uma vez que, para receber esse direito e reconhecimento tiveram que cumprir as normativas da FIFA e esta, a cada edição da copa, precisa rever as suas normatizações, criando e/ou excluindo normas. Há uma tensão nesse processo, uma vez que “os agentes adaptam suas normas para que haja compatibilidade com as normas dos agentes hegemônicos. E essa adaptação rompe com equilíbrios externos e internos, condenando os equilíbrios preexistentes” (SANTOS, 1999, p. 20).

Se o ideal desenvolvimentista do passado alegava que moderno era ter estádios grandes, verdadeiros monumentos, atualmente, ser moderno implica em diminuir a capacidade dos estádios já existentes, transformando-os em arenas multiuso, passíveis de serem usadas por qualquer público, não apenas para os interessados em futebol, afim de gerar lucro aos investidores tornando-o utilizável para além das partidas de futebol. Nessa reforma, o monumento Mineirão foi desfeito, uma vez que da sua arquitetura externa, só restou a fachada.

A nova forma introduz novos relacionamentos, uma dependência crescente que, daí por diante, impelirá a formação sócio-econômica em direção a uma mudança estrutural, muitas vezes fundamental. Este momento histórico é um momento crucial em que ocorre uma mutação produzindo uma mudança qualitativa nas condições previamente prevalecentes (SANTOS, 1977, p.41).

As arenas multiuso tratam o torcedor como cliente, uma pessoa privada⁷. O produto que se compra: o espetáculo futebolístico, o conforto, a comodidade, a infraestrutura e a segurança.

O torcedor passará a ser visto como cliente. Ele tem que querer ir, querer voltar e tem que contar para os amigos que gostou do local e do evento. Por isso, tudo no Mineirão é pensado para que o torcedor-cliente se torne uma família-cliente. O sucesso do negócio passa também pela fidelização do público (MINAS GERAIS, s.d.).

A relação entre capital-produto nas arenas multiuso faz com o que eixo central deixe de ser a partida de futebol em si. Há um novo valor simbólico agregado à marca “Novo Mineirão”, na qual uma infinita gama de publicidade produz uma imagem desse espaço e as formas de uso desse produto, chancelado por uma marca de escala planetária: a FIFA, e difundida pelos meios de comunicação.

A marca já é, em si mesma, um capital na medida em que seu prestígio e sua celebridade conferem aos produtos que levam seu nome um valor simbólico comercial. Seu renome, de fato, não é devido somente às qualidades intrínsecas de seus produtos. Foi necessário construí-lo, ao preço de investimentos importantes em marketing e em campanhas publicitárias

⁷ Gorz afirma que o cidadão é diferente do cliente. O cidadão é um sujeito de direito, coletivo, enquanto o cliente é um sujeito individual, privado, no qual a publicidade transforma o seu desejo como único, a sua escolha como símbolo de distinção. “A indústria publicitária promete a procura de soluções individuais para problemas coletivos” (2005, p.49). Analogicamente, podemos pensar a relação torcedor-cliente. O torcedor pode ser entendido como o sujeito que possui um pertencimento clubístico, escolhido pela natureza simbólica que determinado Clube representa em seu contexto sócio-afetivo, que tem a ida ao estádio de futebol como momento de lazer e espaço de fruição de uma sociabilidade única, que vibra e acompanha o time independente de sua classificação na tabela e dia da semana. Enquanto o cliente consome o produto futebol, as marcas (ou seriam jogadores?) que cada clube contrata, o conforto e a segurança, os camarotes VIP’s que prometem melhor visibilidade do campo e serviço e, em termos europeus, as ações que determinados clubes dispõem na Bolsa de Valores, visando o lucro.

recorrentes. São estas que construíram a imagem da marca, dotando os produtos de uma identidade distinta e de qualidades alegadas, para as quais a firma reivindica monopólio (GORZ, 2005, p. 45).

Assim, a marca “Novo Mineirão”, cria um novo conceito de estádio e de torcedor de futebol. Do capital imaterial (GORZ, 2005) utilizado para essa criação, junto com a tecnoesfera utilizada para a reforma do estádio surge uma nova psicoesfera. Essa, de certa forma, apaga o Mineirão e tudo o que a ele se relaciona entre memórias particulares e coletivas de determinado tempo e espaço, dando a conotação de antigo, para o surgimento da marca de um novo governo que trouxe a modernização do estádio para receber a Copa de 2014, daí o adjetivo “novo”.

Antes de o Mineirão ser fechado para a reforma em dezembro de 2010, a banda Skank, belorizontina, que se destaca pela aproximação com o futebol, realizou um show gratuito no estádio para a gravação de um CD/DVD, mas que tinha também como propósito, fazer o fechamento de um ciclo de história do estádio, uma vez que, após aquele momento, surgiria o “Novo Mineirão”.

Tal atitude pode ser analisada como “rito de instituição”, isto é, “num sentido mais amplo, trata-se de um rito de passagem cuja finalidade é promover a separação de algo ou de alguém de uma classe a outra - de solteiro a casado, de pagão a batizado, de estudante a profissional e assim por diante” (DAMO, 2012, p. 29).

Outra ideia que se difunde com o “Novo” Mineirão é a de privatização do espaço público através da parceria público-privado. A Copa, enquanto evento privado, necessita do Estado para que as exigências de sua realização sejam cumpridas, entre elas: segurança a todos os envolvidos, mobilidade urbana e exclusividade dos patrocinadores. O setor privado necessita do dinheiro público para ajudar na construção-reforma dos estádios. Assim, o Estado desempenha papel central na viabilização financeira, econômica e política dos empreendimentos através de seu poder e de sua riqueza, em forma de fundos de investimento (OLIVEIRA, 1999; VAINER, 2007).

O Mineirão, quando da sua inauguração, foi administrado pelo setor público, através da Administração de Estádios do Estado de Minas Gerais – ADEMG – órgão vinculado ao governo do Estado de Minas Gerais. A partir de sua (re)inauguração passa a ser administrado pelo consórcio Minas Arena, empresa responsável pelo financiamento e execução das obras de “reforma e modernização”⁸ do estádio através de uma parceria público-privado e que por isso tem o direito de exploração comercial do

⁸ <http://www.minasarena.com.br/empresa>

espaço por 25 anos. Ademais, os clubes belorizontinos estão em negociação com essa empresa visando possibilidades de exploração desse espaço de modo que seja lucrativo para as partes envolvidas⁹.

Pode-se perceber, de acordo com Oliveira (1999), um esvaziamento da esfera pública e uma apropriação privada desse conteúdo de modo a atrair benefícios aos interesses privados. Se for levado em consideração que o Mineirão foi construído em uma área pertencente ao governo federal, cedida para o governo estadual, em troca da utilização de seu complexo pelos alunos da universidade, dentro dessa reestruturação política-econômica, os fins acadêmicos de uso do espaço ficaram à margem. O que impera é a privatização do público que vem de um modelo político e econômico de que há uma desnecessidade do público desse espaço e de uma desqualificação do bem público. “A esse processo objetivo corresponde uma subjetivação da experiência burguesa no Brasil de hoje que é radicalmente antipública, no sentido da esfera pública não burguesa ou cidadã” (OLIVEIRA, 1999, p. 68).

Por fim, um dos símbolos da modernidade atual é a preocupação com o meio ambiente e com o melhor aproveitamento dos recursos naturais de modo a não comprometer as gerações futuras, a chamada sustentabilidade. Com isso, o “Novo” Mineirão não poderia abrir mão desse princípio, uma vez que a FIFA recomenda o Gol Verde, isto é, programa que tem por objetivo “reduzir o consumo de água potável, evitar e/ou reduzir a emissão de resíduos, criar sistemas de abastecimento de energia mais eficientes e aumentar o uso do transporte público nos eventos FIFA” (FIFA, 2011, p. 37). Para isso, estabelece que todos os estádios devem fazer projetos que levem em consideração as técnicas e princípios de uma construção sustentável, para que possam adquirir a certificação LEED (*Leadership in Energy and Environmental Design*), uma vez que as construções sustentáveis trazem benefícios ambiental, econômico e social à população.

Vale lembrar que, antes da reforma, o estádio construído em concreto armado contrastava com o seu entorno cercado por árvores, o que dava um ar bucólico ao espaço, bem como um sombreamento e, conseqüentemente, uma menor temperatura. O atual projeto mantém a arquitetura do estádio e prevê uma esplanada limitando as árvores a uma única área. Assim, pensar em uma política de desenvolvimento

⁹<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/cruzeiro/noticia/2012/03/cruzeiro-e-minas-arena-discutem-possivel-acordo-sobre-o-mineirao.html>

sustentável também não é pensar no conforto térmico local? Em que medida essa modernização cria um melhor ambiente humano e natural com uma edificação que reduza a carga de calor? Conforme as especificações da FIFA (2011, p. 41):

O paisagismo abrangente, com o plantio de arbustos, árvores e jardins ao redor do projeto podem produzir um grande benefício visual para quem utiliza o estádio e para a comunidade local. O paisagismo de áreas verdes do local do estádio melhora a percepção e a realidade de que a instalação respeita o meio ambiente e sua vizinhança. O impacto sobre lençóis freáticos de rios e lagos próximos ao local do estádio e, conseqüentemente, sobre a capacidade de drenagem do campo também deve ser considerado.

Nesse aspecto específico pode-se inferir que o projeto não atende plenamente as recomendações e também não se harmoniza com a natureza do espaço em seu entorno. Novamente, há o rompimento com a imagem do “antigo” Mineirão.

Santos afirma que o “trato do território supõe o uso da informação, que está presente também nos objetos” (1988, p. 59). Assim, o Mineirão deixa de ser uma paisagem em si para se tornar um objeto repleto de símbolos e interesses econômicos, políticos e sociais, de ordem particular e coletiva, que operam de forma dialética, gerando tensões, disputas, negociações referentes ao seu uso, entre os vários agentes envolvidos nesse processo, muitas vezes transcendendo a sua própria finalidade, devido às apropriações coletivas e particulares desse objeto.

Através do exposto, percebe-se algumas permanências no que diz respeito a construção do Mineirão em 1965 e a sua reforma para a Copa do Mundo de 2014, entre as quais a necessidade de ser moderno, de marcar uma gestão como um grande feito (no caso a construção/reforma de um monumento e a realização de uma competição de abrangência planetária) e de passar uma autoimagem positiva, civilizada e organizada do país e da cidade-sede.

Entretanto, algumas questões afastam os discursos, entre os quais, o trato com o conhecimento técnico-científico-informacional que opera conjuntamente com o sistema político-econômico que produz o que é ser moderno na atualidade. Dentro de uma sociedade globalizada há a transformação dos monumentais estádios para arenas multiuso, a transformação do torcedor em cliente, em uma política neoliberal há a apropriação do espaço público pela iniciativa privada, a preocupação com o meio ambiente, a necessidade de romper com o passado, a normatização e especificação dos usos dos equipamentos de lazer, tudo sob a égide de um planejamento urbano que transforma cidades em cenários.

Referências Bibliográficas

ASSUMPÇÃO, Luís Otávio Teles. 2004. *O Temp(l)o das Geraes: a nova ordem do futebol brasileiro*. Montes Claros: Editora UNIMONTES.

BELL, Daniel. 1973. *O advento da sociedade pós-industrial: uma tentativa de previsão social*. São Paulo: Cultrix.

DAMO, Arlei S. 2012. O desejo, o direito e o dever - A trama que trouxe a Copa ao Brasil. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 02, p., abr/jun de 2012. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/29910/18832>>. Acesso em jul. de 2012

DUARTE, Regina Horta. 2009. O lugar da cidade universitária. In: STARLING, Heloisa M. M; DUARTE, Regina H. (orgs.). *Cidade Universitária da UFMG: história e natureza*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, p. 19-67.

FIFA. 2011. *Estádios de futebol: recomendações e requisitos técnicos*. 5ed. 2011. Disponível em <http://pt.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/p_sb2010_stadiumbook_ganz.pdf>. Acesso em jul. 2012.

GORZ, André. 2005. *O Imaterial. Conhecimento, Valor e Capital*. São Paulo: Annablume.

IANNI, Octavio. 1998. Globalização e neoliberalismo. *São Paulo em Perspectiva*, n.12, v.2, p. 27-32.

Disponível em <http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v12n02/v12n02_03.pdf>. Acesso em set. de 2012.

LE GOFF, Jacques. 1990. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP.

MASCARENHAS, Fernando. 2012. Megaeventos esportivos e Educação Física: alerta de tsunamis. *Movimento*, Porto Alegre, v. 18, nº 01, p. 39-67, jan/mar de 2012

MASCARENHAS, Gilmar. 2008. Megaeventos esportivos e urbanismo: contextos históricos e legado social. *Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, p.195-199.

MINAS GERAIS. s.d. *Novo Mineirão*. Disponível em <<http://www.copa.mg.gov.br/novomineirao/>>. Acesso em jun de 2012.

MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE. s.d. *Planejamento Estratégico Integrado: Projeto Copa 2014 – Governo de Minas Gerais e Prefeitura de Belo Horizonte*. s.d.

Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/54704547/Planejamento-Estrategico-Integrado-Projeto-Copa-2014-MG>>. Acesso em jul. de 2012.

OLIVEIRA, Francisco. 1999. Privatização do público, destituição da fala e anulação da política. *Os sentidos da democracia: políticas do dissenso e a hegemonia global*. Petrópolis: Vozes, p. 55-81.

RAEDER, Sávio. 2010. *Jogos & Cidades: ordenamento territorial urbano em sedes de megaeventos esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte.

SANTOS, André Carazza dos. 2005^a. A Copa do Mundo no Brasil (1950): Belo Horizonte e o ideal de cidade almejado para encantar os estrangeiros. *Efdeportes Revista Digital*, Buenos Aires, año 10, n.86. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd86/copa.htm>>. Acesso: 25 mai. 2012

SANTOS, André Carazza dos. 2005^b. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. *Efdeportes Revista Digital*, Buenos Aires, año 10, n.87. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd87/mineirao.htm>>. Acesso: 25 mai. 2012.

SANTOS, Milton. 1977. A totalidade do diabo: como as formas geográficas difundem o capital e mudam estruturas sociais. Contexto, Hucitec. Disponível em <http://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/A-TOTALIDADE-DO-DIABO-como-as-formas-geograficas-difundem_MiltonSantos1977.pdf>. Acesso em jun. 2012.

SANTOS, Milton. 1988. O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil. *Espaço & Debate*, nº 25, p. 58-63.

SANTOS, Milton. 1999. O território e o saber local: algumas categorias de análise. *Cadernos IPPUR*, Rio de Janeiro, ano XIII, nº 2, p. 5-26.

SANTOS, Milton. 2005. *A urbanização brasileira*. 5ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

VAINER, Carlos. 2007. Fragmentação e Projeto Nacional: desafios para o planejamento territorial. *Anais XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional*, Belém.

Data de Recebimento: 26/09/2012

Data de Aprovação: 05/03/2013

Para citar essa obra:

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; AMARAL, Silvia Cristina Franco. A Copa do Mundo de Futebol de 2014 e o (novo) Mineirão. RUA [online]. 2013, no. 19. Volume 1 - ISSN 1413-2109 Consultada no Portal Labeurb – Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade

<http://www.labeurb.unicamp.br/rua/>

Capa: Sylvio Coutinho/Divulgação. Disponível em:

<<http://infograficos.estadao.com.br/uploads/galerias/4703/48614.jpg>>

Laboratório de Estudos Urbanos – LABEURB
Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade – NUDECRI
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

<http://www.labeurb.unicamp.br/>

Endereço:

LABEURB - LABORATÓRIO DE ESTUDOS URBANOS

UNICAMP/COGEN / NUDECRI

CAIXA POSTAL 6166

Campinas/SP – Brasil

CEP 13083-892

Fone/ Fax: (19) 3521-7900

Contato: <http://www.labeurb.unicamp.br/contato>